

István Rákóczi

(CHAM - FCSH/NOVA-UAc; Universidade ELTE, Budapeste)

Dois capítulos da tolerância e intolerância religiosas na Transilvânia (séc. 16 e séc. 20)

Resumo: Um ano antes de a Hungria medieval ficar desmoronada e tripartida em 1526 como resultado da batalha de Mohács (um “Alcácer Quibir húngaro”) entre os Otomanos, os Habsburgos danubianos e a Transilvânia, reduto da independência nacional, as cortes decretam ainda “*todo luterano deve ser extirpado no país, seja clérigo ou secular, que fique preso e queimado.*” A inércia da Igreja Católica, que perde aliás seis dos seus bispos naquela simbólica batalha, traduz-se na incapacidade de fazer frente ao avance luterano, no plano espiritual. Na Transilvânia multicultural – húngara, romena e alemã – são os saxões que elegem primeiro o seu bispo luterano em 1553, seguidos pelos húngaros, enquanto a ortodoxia da minoria romena fica intacta dos efeitos dos movimentos da Reforma. Em 1568 nas cortes de Torda decretam-se: “*Que por toda a parte se pregasse o evangelho, de acordo com o entendimento que dele se tiver, a comunidade não fique forçado a aceitar nenhum pregador pela força, senão oiça a aquele que mais lhe agradar. Por tanto, nenhum superintendente ou outra pessoa qualquer pode fazer mal ao pregador, e nenhum fiel pode ficar caluniado pela sua fé, pois esta é dom divino.*” Em uma geração presenciamos uma surpreendente mudança de atitude e de paradigma. Tal estranha tolerância numa matéria tão crispante por toda a Europa é fruto político: não há religião monolítica de favoritismo estatal tipo *cuius régio eius religio*, mas o poder do Estado, que deve garantir uma unidade frente a Sublime Porta e a Viena de Áustria, se sobrepõe, embora limitado, ao poder eclesiástico, pois não pode discriminar entre nenhuma das denominações. Também não prevalece um critério territorial local: em cada cidade ou vila podem coexistir varias congregações sem que os dados senhores feudais possam interferir em seus assuntos internos, e segundo o édito, é de decisão pessoal a lei que cada um abraçar. Proíbe-se criticarem e maltratarem os sacerdotes dos outros credos, por tanto este precoce pluralismo religioso – com as quatro “*religiones praeceptae*” oferece um equilíbrio por convivência e conveniência entre os católicos, luteranos, calvinistas e até os unitários, uma igreja local. A comunicação que se apresenta ocupar-se-á duma dissidência minoritária deste último credo: os chamados *sabbatianos*, cuja sorte seguiremos no século 16 e 20 respetivamente, cujo exemplo servir-nos-á para demonstrar os limites desta liberdade paradisíaca na “quase Suíça cantonal oriental”, a Transilvânia, entre o pragmatismo régio e a consciência religiosa individual.

Palavras-chave: Reforma, Transilvânia, Tolerância, Intolerância, Sabáticos

Two chapters of religious tolerance and intolerance in Transylvania (16th and 20th centuries)

Abstract: A year before medieval Hungary collapsed in 1526 as a result of the famous Battle of Mohács (“a hungarian Alcácer Quibir”) and tripartite between the Ottomans, the Danubian Habsburgs and Transylvania, the stronghold of national independence, the

courts further decreed: *“every Lutheran must be extirpated in the country, whether clergy or secular, to be trapped and burned”*. The inertia of the Catholic Church- by the way six of its bishops died in that symbolic battle-, translates into the inability to cope with the Lutheran advance on the spiritual plane. In multicultural Transylvania – Hungarian, Romanian and German – the Saxons elect their first Lutheran bishop in 1553, followed by the Hungarians, while the orthodoxy of the Romanian minority is intact of the effects of the movements of the Reformation. In 1568 in the Courts of the Transylvanian Principality, in Torda are decreed: *“that the Gospel be preached everywhere, according to their understanding, the community should not be forced to accept any preacher, but listen one, who to please. Therefore no superintendent or any other person can do evil to the preacher, and nor the believer can be slandered for his faith, because this is a divine gift.”* In only **one** generation we note a diametrically opposite attitude and changing paradigm. Such strange tolerance in a matter so pervasive throughout Europe is a political fruit: there is no monolithic religion of state favoritism based in the concept of *cuius regio eius religio*, but a practice of the *“raison d’etat”*: the State must guarantee unity facing Sublime Porta and Vienna of Austria. For instance ecclesiastical power is limited and the secular one can not discriminate between any of the denominations. Nor does a local territorial criterion prevail: in each city or village there may coexist several congregations without the feudal *seigneur* being able to interfere in their internal affairs, and according to the edict, it is a personal decision to embrace one of the religious *“offer”*. It is forbidden to criticize and mistreat priests of other faiths, so this precocious religious pluralism, with the four *“religione praeceptae”* offers a balanced coexistence and convenience among Catholics, Lutherans, Calvinists, and even the Unitarians, a local church. The communication also will deal with a minority dissidence of this last creed: the so called Sabbatians, whose trajectory will be followed in the 16th and 20th centuries, whose example will serve to demonstrate the limits of this paradisiacal freedom in this *“Easter Switzerland”* – the *“cantonal”* Transylvania – between the regal pragmatism and the religious consciousness.

Keywords: Reformation, Transylvania, tolerance, intolerance, Sabbatians

István Rákóczi é bacharel em Teologia (2006, Szent Pál Akadémia), Mestrado em História, Filologia Espanhola e Portuguesa respectivamente (1982 Universidade ELTE de Budapeste) e doutorado pela mesma com uma tese sobre *“Fernão Mendes Pinto e a crítica coeva da expansão portuguesa”*, bem como pela Academia das Ciências da Hungria com a tese académica *“Fontes e factos, o primeiro e segundo cerco de Diu”* (1996). Fez as suas provas de agregação (*habilitation/venia legendi*) na Universidade de Pécs, em 2006. Actualmente exerce o cargo de Diretor do Departamento de Português da Universidade de Budapeste. É professor visitante de várias universidades, membro correspondente do CHAM, e da Academia da Marinha, e antigo vice-presidente da Associação Internacional de História da Náutica e da Hidrografia.